

Educação, Informação Comunicação e Saúde: Proteções contra a DESINFORMAÇÃO

SEMINARIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

EIXO TEMÁTICO: GT 3 - Desinformação e iniquidades em Ciência e Saúde

Risco e perigo no enquadramento da PrEP em portais de notícias (2018)

Risk and danger in PrEP's news framing on digital portals (2018)

Matheus Madson Lima Avelino - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)¹

Thaynã Karen dos Santos Lira - Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz/PE)²

Mariana Olívia Santana dos Santos - Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz/PE)³

Modalidade: texto completo

Resumo: Este trabalho analisa o enquadramento midiático da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV no Brasil pós-2018, ano de sua incorporação pelo Sistema Único de Saúde, investigando como os discursos jornalísticos influenciam percepções sobre prevenção e sexualidade. Objetivou-se analisar o enquadramento noticioso e as estratégias retóricas sobre a PrEP, bem como o uso das fontes em matérias em dois portais brasileiros (G1 e UOL). Foram analisadas dez notícias de 2018, obtendo-se os resultados: 1) predomínio de fontes oficiais/científicas sobre vozes de usuários com linguagem técnica; 2) polarização entre defesa da ampliação do acesso à Profilaxia Pré-Exposição e hierarquização do preservativo como método superior de prevenção; 3) uso de estratégias retóricas de estigmatização através de discursos de perigo, temor e risco. Os enquadramentos estudados materializam mecanismos de opressão sexual produzindo um apagamento das questões estruturais e desigualdades características atuais da epidemia do HIV.

Palavras-chave: Profilaxia pré-exposição; comunicação e divulgação científica; HIV/Aids..

Abstract: This study examines the media framing of HIV Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP) in Brazil after 2018, the year of its incorporation into the Unified Health System, investigating how journalistic discourses influence perceptions of prevention and sexuality. The objective was to analyze news framing and rhetorical strategies regarding PrEP, as well as the use of sources in articles from two Brazilian news portals (G1 and UOL). Ten news articles from 2018 were analyzed, yielding the following results: 1) a predominance of official/scientific sources over

¹ Matheus Madson Lima Avelino, programa de pós-graduação em saúde coletiva da UFRN. Email: matheusmadson.dm@gmail.com.

² Thaynã Karen dos Santos Lira, Instituto Aggeu Magalhães - Fiocruz/PE. Email: thayna.lirask@gmail.com.

³ Mariana Olívia Santana dos Santos, Instituto Aggeu Magalhães - Fiocruz/PE, programa de pós-graduação em saúde coletiva da UFRN. Email: mariana.santos@fiocruz.br.

user perspectives, with technical language; 2) a polarization between advocacy for expanded access to PrEP and the prioritization of condoms as the superior prevention method; 3) the use of stigmatizing rhetorical strategies through discourses of danger, fear, and risk. The examined frames materialize mechanisms of sexual oppression, erasing structural issues and the inequalities that characterize the current HIV epidemic.

Keywords: Pre-exposure prophylaxis; scientific communication and diffusion; HIV/Aids.

1 INTRODUÇÃO

A mídia desempenha um papel histórico na construção do HIV/Aids como fato social e na formação da opinião pública sobre a epidemia, remontando às primeiras décadas da crise, quando veiculou discursos estigmatizantes, como a associação da doença a um "câncer gay", articulando pânico moral com instituições médicas e científicas (Cazeiro, Silva e Souza, 2021). Mais do que um canal neutro de informação, atua como produtora de verdades sobre a sexualidade, operando a partir do que Foucault (2014) chamou de "dispositivo da sexualidade", um mecanismo biopolítico de regulação dos corpos e práticas sexuais através de discursos, participando assim da construção do que é considerado normal ou patológico no campo da sexualidade.

Com as transformações nas estratégias de prevenção, a cobertura midiática evoluiu, abandonando em parte a retórica inicial do medo, mas ainda reproduzindo noções de "grupo de risco" e "populações-chave" no período pré-implementação da Profilaxia Pré-exposição (PrEP) no Brasil, conforme aponta Costa (2019). Essa abordagem reforçava a responsabilização individual em detrimento de uma análise crítica dos determinantes sociais, em um contexto de aprofundamento das desigualdades de raça, gênero e classe nas taxas de infecção e mortalidade por Aids.

Em 2018 o Ministério da Saúde adotou a PrEP como uma das estratégias de intervenção biomédica, como parte da prevenção combinada, para a prevenção do HIV (Brasil, 2025). Trata-se do uso de um medicamento antirretroviral indicado para pessoas que não vivem com o HIV, mas que estão em maior vulnerabilidade ao vírus. Sua função é impedir que o HIV se estabeleça e se multiplique no organismo em caso de exposição, apresentando alta eficácia na prevenção da infecção (Brasil, 2025).

A implementação da PrEP pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2018 marcou uma virada na resposta nacional ao HIV, consolidando a "biomedicalização da prevenção", processo que centraliza intervenções como PrEP e outras intervenções biomédicas na promessa de um futuro sem HIV (Monteiro e Brigeiro, 2024). Contudo, a biomedicalização não responde aos desafios atuais da epidemia,

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

sobretudo no que diz respeito ao aprofundamento das desigualdades de gênero, raça e classe na infecção pelo HIV e na mortalidade pela aids (Brasil, 2023).

Por outro lado, a divulgação científica, longe de ser um processo neutro ou puramente técnico, é atravessada por disputas ideológicas e participa da produção e circulação de discursos hegemonicamente construídos sobre temas sociais sensíveis, como a sexualidade (Santos-D'Amorim e Fernandes, 2021). Nesse contexto da prevenção, o uso da informação científica na mídia frequentemente se articula a narrativas que reforçam normas morais, hierarquizam comportamentos e naturalizam desigualdades em saúde, especialmente para populações mais suscetíveis a vulnerabilidades decorrentes de iniquidades de gênero e orientação sexual.

Diante deste contexto, questiona-se: como a incorporação da PrEP nas políticas de saúde atualizaram os discursos midiáticos sobre a prevenção ao HIV no Brasil? Torna-se, portanto, imperativo investigar como a mídia brasileira abordou a PrEP após sua implementação no SUS em 2018 e quais as repercussões das representações midiáticas sobre as questões de prevenção, sexualidade e saúde pública. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar o enquadramento da PrEP em portais de notícias brasileiros no ano de 2018, após sua implementação no SUS?

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial teórico: enquadramento noticioso

A ideia de enquadramento (*framing*) foi inicialmente explorada pela psicologia através das ciências cognitivistas e comportamentais, de forma que Erving Goffman (1986) discute o enquadramento como uma espécie de estrutura interpretativa, como um recorte ou um quadro, que os indivíduos utilizam compreender e dar significado às suas experiências vividas. Esta ideia de quadro (*frame*) ganhou sentido nos estudos midiáticos passando a ser compreendido como uma forma de enquadramento de informações com finalidade de imprimir determinada forma de pensamento ou influenciar este (Entman, 1993). Para Robert Entman (1993) o enquadramento envolve seleções e saliências, em que determinadas informações são escolhidas e ressaltadas para torná-las mais perceptíveis e evidentes, a fim de produzir o que o autor denominou como as funções do enquadramento: definição de problemas, interpretação de causas, avaliação moral e propostas de soluções.

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

Investigar enquadramentos é, portanto, uma forma de compreender como a comunicação molda percepções a partir de um pano de fundo social, cultural e político por trás dos quadros noticiados pela mídia. Essa abordagem é especialmente útil na análise das relações de sexualidade, pois permite compreender como os discursos midiáticos selecionam e destacam certos aspectos do sexo, da prevenção e das identidades sexuais em detrimento de outros. Ao definir problemas, atribuir causas e sugerir soluções, os enquadramentos podem reforçar normas morais, estigmas e hierarquias sexuais, legitimando práticas e comportamentos considerados “aceitáveis” enquanto marginalizam outros.

Assume-se para este trabalho o enquadramento como uma forma de compreensão das relações que envolvem as políticas de sexualidade através da mídia e seus enquadramentos sobre a PrEP.

2.2 Percorso metodológico

O *corpus* do estudo foi composto por matérias jornalísticas publicadas no ano de 2018 em dois portais de maior audiência no Brasil (G1 e UOL), selecionados com base em métricas de acesso em março de 2025 da ferramenta *Semrush*. A coleta ocorreu entre abril e maio de 2025, utilizando termos como "PrEP", "HIV", "medicamento que previne HIV" e "profilaxia pré-exposição". Foram incluídas apenas matérias com foco temático na PrEP, de abrangência nacional, disponibilidade gratuita e publicação no período delimitado. Conteúdos videográficos, veículos pagos e matérias fora desses critérios foram excluídos. A busca foi interrompida após esgotamento das páginas de resultados no caso do UOL e por saturação temática no G1.

O modelo analítico adotado integrou a abordagem de enquadramento multimodal proposta por Silva & Jeronymo (2021), articulando três dimensões interdependentes. A primeira dimensão, fundamentada em Entman (1993), examinou as funções de enquadramento: (1) definição do problema (como e quais são os problemas elencados), (2) interpretação causal (ao que se atribui os problemas) (3) avaliação moral (como as notícias interpretam as causas) e (4) proposta de solução (recomendações implícitas ou explícitas). A segunda dimensão investigou estratégias retóricas mediante classificação do tom discursivo (alarmista, neutro-informativo ou otimista), identificação de recursos linguísticos (metáforas como "escudo químico", eufemismos, hiperboles) e análise da estrutura narrativa predominante. A terceira

dimensão categorizou as fontes em corporativas (instituições oficiais), de rotina (especialistas protocolares) e informais (atores não-institucionais como usuários).

Para o processamento e análise dos dados, as matérias foram compiladas em banco de dados e importadas para o *software Atlas.ti* 23. Iniciou-se com uma etapa de pré-análise mediante leitura flutuante, permitindo familiarização com o material e formulação de hipóteses preliminares. Seguiu-se uma codificação sistemática em duas fases: primeiramente, utilizou-se a ferramenta de codificação do *Atlas.ti* para identificação inicial de unidades de significado; posteriormente e agrupamento por proximidade semântica. Este processo permitiu a construção de uma arquitetura categorial hierárquica, organizando códigos primários (unidades mínimas de significado) em subcategorias temáticas, que por sua vez convergiram para as três categorias analíticas centrais a partir das dimensões propostas: enquadramento, retórica e fontes.

Os resultados foram sistematizados em duas linhas temáticas: a primeira corresponde à descrição das principais características das notícias e dos portais, bem como das fontes utilizadas; a segunda aborda as funções do enquadramento em articulação com as estratégias retóricas identificadas.

2.3 Resultados e discussão:

2.3.1 Caracterização das notícias e das fontes

Foram analisadas dez notícias de 2018, sete do G1 e três do UOL, publicadas em editoriais de saúde e qualidade de vida. No G1, predominaram reportagens regionais sobre a abertura de novos serviços e oferta da PrEP nos estados, enquanto o UOL concentrou-se em explicar o funcionamento, benefícios e riscos da profilaxia.

Ambos os portais priorizaram fontes institucionais (Ministério da Saúde, OMS, Fiocruz) e científicas, com ênfase em dados de eficácia, estatísticas de HIV e políticas preventivas. As fontes corporativas, majoritariamente médicos e pesquisadores, predominaram sobre relatos de usuários apenas o G1 entrevistou um casal sorodiferente e um profissional do sexo que utilizavam a PrEP.

A diferença nas vozes é marcante: o G1 privilegia narrativas de usuários e os benefícios da PrEP, enquanto o UOL adota abordagem técnico-científica. Embora ambos mencionem a importância do preservativo, o UOL o posiciona sistematicamente como método superior - postura evidenciada em suas manchetes e que reforça juízos morais implícitos sobre o sexo:

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

“Polêmica da PrEP continua: estudo associa pílula ao abandono da camisinha (UOL, 07/06/2018)”.

“PrEP evita HIV e ajuda a combater outras ISTs, mas não substitui camisinha (UOL, 01/04/2018)”.

Apesar de um uso moral deste noticiamento, a redução da adesão dos métodos de barreira já vem sendo acusado em distintos campos do conhecimento e atores sociais. Esse fenômeno que ficou conhecido como a fadiga do preservativo tem apontado para o número crescente de indivíduos e grupos que expressam uma fadiga quanto ao uso do preservativo e coloca a urgência de novas alternativas de prevenção mais adequadas às suas práticas sexuais e aos seus estilos de vida, pois nem sempre as escolhas correspondem aos seus desejos e necessidades, mas ao que o momento e o lugar determinam como possíveis. (Terto Jr, 2015).

2.3.2 Funções do enquadramento e estratégias retóricas

Na codificação foram encontrados 15 tipos de códigos de acordo com os frames apresentados nas notícias. Estes foram categorizados de acordo com as quatro funções do enquadramento e reunidos na figura 1 para demonstrar a relação entre os quadros e suas respectivas funções.

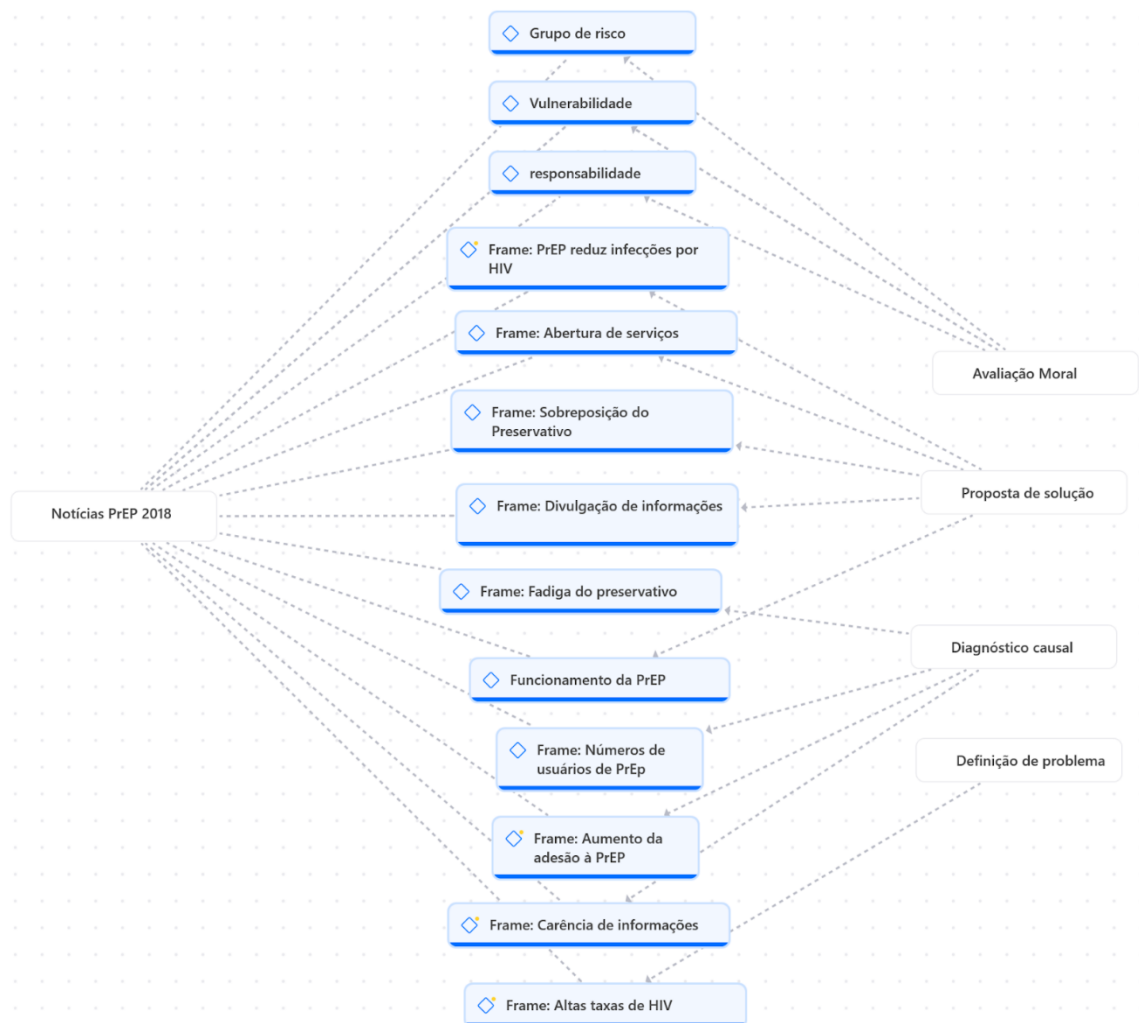
Na função de definição do problema, as notícias enfatizam predominantemente as taxas de infecção por HIV e mortalidade por AIDS no Brasil e no mundo, priorizando dados alarmantes em detrimento dos avanços no controle da epidemia. Ao recorrerem às fontes oficiais, os portais destacam tanto os números globais quanto os locais, característica típica dos discursos de saúde pública. Esse enquadramento evidencia a magnitude do problema ao apresentar estatísticas de novas infecções, utilizando uma retórica que mistura temor - com projeções de futuros infectados - e alerta sobre as consequências permanentes da infecção, reforçando a ideia de que qualquer pessoa pode ser a próxima “vítima”.

“No Brasil, uma pessoa é infectada com o vírus HIV a cada 15 minutos. E, ainda que a taxa de detecção da doença esteja estável nos últimos 10 anos, com média de 20,7 casos por 100 mil habitantes, os dados alertam para um avanço da epidemia entre os mais jovens e os idosos (UOL, 10/01/2018)”.

“[...] vale mais a pena pagar a PrEP para as pessoas com maior risco de se contaminarem com o HIV do que ter de arcar com o tratamento contra o vírus, que precisa ser feito pela vida toda (UOL, 10/01/2018)”.

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

Figura 1. Relação de códigos e seus respectivos enquadramentos em notícias sobre PrEP em 2018



Fonte: autoria própria (2025)

Em uma interpretação causal, os portais adotam diferentes diagnósticos da realidade: por um lado, enquadram o "abandono" do preservativo e a carência de informações sobre novos métodos como fatores negativos; por outro, ressaltam o aumento da adesão à PrEP como elemento positivo para o controle da epidemia. No primeiro caso, operam uma retórica de desleixo, evocando a noção de comportamento negligente e irresponsável que se contrapõe ao sexualmente seguro. Já os enquadramentos sobre o crescimento da adesão utilizam-se das vantagens da PrEP para construir uma imagem favorável à profilaxia mediante a exaltação de seus benefícios.

Essa lógica de culpabilização desdobra-se na função de avaliação moral, onde os estigmas sobre o HIV são enquadrados mediante frames de "grupos de risco",

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

"populações-chave" e vulnerabilidade. Retomando a retórica do temor e do perigo constante, as notícias associam o vírus a esses coletivos, recorrendo à ideia de contaminação. Desse modo, constroem uma dupla narrativa: naturalizam sua vulnerabilidade ao mesmo tempo que os responsabilizam pelo "contágio", reforçando a noção de que seriam portadores intrínsecos do risco, como observam-se nos trechos a seguir:

"[...] alguém que antes não pensava sobre seus riscos começa a gerenciá-los melhor e se comportar de maneira diferente, transando cada vez mais com camisinha" (UOL, 01/04/2018)".

"[...] também diminuem o número de parceiros com o passar do tempo, o que reduz o perigo de contaminação por uma IST (UOL, 01/04/2018)".

Na função de propor soluções, as notícias apresentam dois enquadramentos concorrentes. O primeiro destaca a eficácia da PrEP e defende a ampliação de serviços e acesso à profilaxia, associando-a diretamente ao combate aos altos índices de HIV/aids. O segundo estabelece uma hierarquia entre métodos preventivos, privilegiando o preservativo como opção superior - principalmente por sua eficácia contra outras IST. Essa polarização intencional cria uma falsa dicotomia que exclui outras estratégias complementares (como a vacinação), reforçando a noção de métodos excludentes em vez de combinados. Ao apresentar a prevenção como escolha entre alternativas opostas, o discurso midiático acaba por reproduzir uma lógica simplista que favorece a hegemonia do preservativo.

Neste enquadramento, as notícias adotam uma estratégia retórica de guerra, utilizando metáforas de combate, luta e proteção que posicionam o HIV/aids como "inimigo" a ser enfrentado e as tecnologias preventivas como "armas" neste combate. Essa estratégia alia-se às estratégias de estigmatização de risco e perigo, que, ao reforçar noções de "grupos de risco" e vulnerabilidades inerentes, direciona o combate a esses grupos. Para Costa (2019), essa abordagem – especialmente através do discurso do risco – busca responsabilizar os indivíduos pela continuidade da epidemia.

Os enquadramentos e estratégias retóricas revelados na cobertura da PrEP após sua implementação em 2018 dialogam com os mecanismos de controle e regulação sexual descritos por Rubin (2017). A autora demonstra como o pânico sexual é mobilizado para impor normatizações sobre o sexo, articulando uma cruzada moral que engaja discursos e instituições, inclusive a mídia, na hierarquização de práticas e sujeitos segundo parâmetros morais, visando combater as práticas

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

classificadas como "inferiores" e "perversas". Realidade percebida nos enquadramentos sobre o número de infecções e estratégias de temor utilizadas.

A hierarquização dos métodos preventivos e dos comportamentos sexuais opera, portanto, a partir do que Rubin (2017) denomina "hierarquia sexual", que estabelece uma divisão entre "bom sexo" e "mau sexo" para justificar opressões. Essa lógica associa o sexo a um potencial destrutivo inerente, apresentando-o como perigoso e capaz de gerar danos sociais quando praticado fora de contextos "naturais", como a reprodução heterossexual e o casamento monogâmico. Em outras palavras, embora a PrEP seja apresentada como uma alternativa vantajosa, o discurso científico mantém sua função regulatória ao impor a hegemonia do preservativo, enquadrando os usuários da profilaxia como potencialmente negligentes e de menor valor dentro desta hierarquia sexual.

Nesse sentido, é importante contextualizar a divulgação científica sobre a PrEP no contexto da desinfodemia e qual o papel desta divulgação em reiterar desigualdades em saúde. Assim, no noticiamento da PrEP há uma linha tênue entre a divulgação científica e a má informação. A análise sugere que há um uso moral das informações sobre a profilaxia articuladas a um discurso normativo sobre o sexo e a sexualidade.

A má informação, entendida como o uso de dados verdadeiros com intenção de reforçar estigmas e promover exclusões, articula-se a processos mais amplos de desinformação (Santos D'Amorim e Fernandes, 2021). Como afirmam Santos e Pajeú (2021), a desinformação constitui-se como um instrumento de dominação ideológica que atua na manutenção das estruturas de poder, operando por meio de discursos que mascaram sua intencionalidade sob a aparência de neutralidade científica.

A ciência possui grande valor e é central nas questões de informação e desinformação, pois a ciência se contrapõe a produção de informações incorretas, sendo um contraponto a produção de *fake news*, o que foi especialmente evidente durante a pandemia de COVID-19 (Santos D'Amorim e Fernandes, 2021).

Contudo, o discurso científico é associado a uma suposta ideia de neutralidade, logo, espera-se que este discurso seja isento de concepções políticas ou ideológicas. Em outras palavras, e nos termos de Foucault (2014), a ciência é uma produtora de verdades sobre o sexo. No caso específico aqui retratado sobre a prevenção ao HIV, espera-se que as recomendações científicas sejam o correto a ser realizado em

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

termos de práticas sexuais, ignorando as questões subjetivas que envolvem o sexo em detrimento da neutralidade da recomendação científica.

Isso por si só situa o noticiamento dentro de uma produção discursiva que busca perpetuar o processo de normatização do dispositivo da sexualidade postulado por Foucault (2014). Isto se agrava quando as notícias centralizam as recomendações especialmente para as “populações-chave”, termo utilizado para designar “segmentos populacionais-chave que apresentam maior prevalência de HIV em relação à população geral – homens cis gays, mulheres trans e travestis, profissionais do sexo e pessoas que usam drogas (Brasil, 2023, p.18)”.

A veiculação destes discursos através das retóricas adotadas modula também a opinião pública sobre estes segmentos populacionais a que fazem referência, que são historicamente marginalizados, especialmente no contexto da epidemia do HIV. Em outras palavras, as estratégias de responsabilização colocadas por Costa (2019) utilizadas nas notícias não somente culpabilizam os sujeitos individualmente pela manutenção e continuidade da epidemia, mas culpabilizam essas populações vulnerabilizadas pela sua continuidade.

Desse modo, noticiário sobre a PrEP não apenas informa, mas também reproduz e reforça dispositivos de poder que operam pela sexualidade, hierarquizando práticas e sujeitos a partir de uma lógica moralizante e normativa. A retórica científica, ao ser mobilizada como ferramenta de regulação social, contribui para a estigmatização das chamadas “populações-chave”, sob a aparência de neutralidade e tecnicidade. A desinformação, neste cenário, não se limita à circulação de inverdades, mas se manifesta de forma mais sutil e insidiosa por meio da má informação, que instrumentaliza dados científicos para sustentar desigualdades estruturais. Assim, torna-se imprescindível refletir sobre o papel da divulgação científica no enfrentamento da epidemia de HIV, reconhecendo que a produção e circulação do saber científico são atravessadas por disputas simbólicas e políticas que impactam diretamente o acesso aos direitos e à saúde de grupos historicamente marginalizados.

3 CONCLUSÕES/ CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura midiática sobre a PrEP em 2018 foi marcada por disputa discursiva: embora propagasse otimismo quanto ao enfrentamento da epidemia de HIV, com

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

destaque para a expansão de serviços, aumento da adesão e eficácia da profilaxia, simultaneamente atualizou estigmas sobre sexualidade. Esse paradoxo manifestou-se na ênfase a grupos populacionais historicamente associados ao vírus, reforçando vulnerabilidades ligadas a gênero e sexualidade.

O apelo à linguagem biomédica e técnico-científica produz uma hierarquia do comportamento sexual seguro ao estabelecer normas prescritivas para o "bom sexo", centradas no preservativo como método no topo da hierarquia, apesar das vantagens da PrEP. Os enquadramentos aqui analisados sugerem uma tentativa de responsabilizar os indivíduos pela continuidade do problema do HIV e apagar tanto as questões estruturais que produzem as desigualdades sociais que aprofundam a epidemia, quanto as dimensões subjetivas relacionadas ao sexo.

Nesse contexto, a desinformação emerge como uma dimensão relevante da cobertura midiática. Não se trata apenas da circulação de inverdades, mas da má informação, o uso seletivo e moralizante de dados científicos para reforçar estigmas e desigualdades. Tal prática sustenta discursos que, sob a aparência de neutralidade, perpetuam a culpabilização de grupos vulnerabilizados, modulando a opinião pública de maneira a reforçar estruturas de poder e exclusão. Assim, é fundamental reconhecer que a informação veiculada nos meios de comunicação não é neutra e pode ser mobilizada para fins normativos, contribuindo para a manutenção de desigualdades em saúde.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte temporal restrito ao ano de 2018, o que limita a compreensão das transformações discursivas ao longo do tempo. Além disso, a análise se concentrou em um número reduzido de canais de imprensa, o que impede uma comparação mais ampla entre diferentes veículos e linhas editoriais. Para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do espectro de anos analisados, bem como a inclusão de um maior número e diversidade de fontes jornalísticas, o que permitiria identificar padrões, rupturas e continuidades nos enquadramentos midiáticos sobre a PrEP e a epidemia de HIV.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV e Aids 2023: número especial. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) Oral à Infecção pelo HIV. [recurso eletrônico].

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO**

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. 76 p.

CAZEIRO, F.; SILVA, G. S. N. da; SOUZA, E. M. F. de. Necropolítica no campo do HIV: algumas reflexões a partir do estigma da aids. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 5361-5370, 2021. DOI: 10.1590/1413-812320212610.10812021.

COSTA, S. L. M. Risco, biomedicalização e AIDS: cobertura jornalística sobre métodos biomédicos de prevenção ao HIV. 2019. 281 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2019

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

GOFFMAN, E. Frame analysis: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M. Biomedicalização e as respostas à aids no Brasil: notas de pesquisa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 31, e2024049, 2024. DOI: 10.1590/S0104-59702024000100049.

RUBIN, G. Políticas do sexo. Tradução: J. P. Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SANTOS, W. A. de L.; PAJEÚ, H. M. Entendendo a desinformação: algumas determinações e uma proposta de conceituação. *Encontros Bibli [Internet]*, v. 29, e95042, 2024. DOI: 10.5007/1518-2924.2024.e95042.

SANTOS-D'AMORIM, K.; FERNANDES, M.F.O. Informação incorreta, desinformação e má informação: esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. *Encontros Bibli [Internet]*, Florianópolis, v. 26, p. 1–23, 2021. DOI: 10.5007/1518-2924.2021.e76900.

SILVA, M. P. da; JERONYMO, R. de S. Enquadramento jornalístico do impeachment de Dilma Rousseff em revistas brasileiras sob uma perspectiva de gênero. *Estudos Jornalísticos*, v. 18, n. 2, 2021. Número especial: Reconhecimento e transformações contemporâneas.

TERTO JR., V. Different prevention methods lead to different choices? Questions on HIV/AIDS prevention for men who have sex with men and other vulnerable populations. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 18, p. 156-168, 2015. Suplemento 1. DOI: 10.1590/1809-4503201500050012.